

SABER LER PARA SABER ENSINAR: ASPECTOS DA LEITURA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Sílvia Scola da Costa ¹

RESUMO

Este artigo objetiva trazer conceitos físicos, cognitivos e emotivos sobre a leitura e apontar como ocorre a leitura em diferentes esferas, perpassando por aspectos físicos e culminando na leitura realizada por meio das telas – algo corriqueiro na humanidade nos dias atuais. Por meio de uma retomada bibliográfica dos atos de leitura, veremos não apenas o ato físico, mas também a leitura em nível sociocognitivo. Vamos redesenhar o olhar sobre a leitura e ampliar este conceito para acompanhar um mundo conectado digitalmente e compreender o porquê a leitura aprofundada é tão importante para o fazer docente, e que aquele que tem o poder de ler e compreender, pode ensinar de forma mais eficaz. Algumas pessoas têm mais facilidade para realizar a leitura, enquanto outros, não conseguem se aprofundar em textos independentemente do gênero que seja. Veremos, neste artigo, que a leitura precede a escrita e além de estar presente nos mais diversos aspectos, auxilia os professores na formação de seu alunado. Um professor que compreende como se consolida e se adquire a leitura, também tem a capacidade de ensinar de forma mais dinâmica e eficiente.

Palavras-chave: ensino, leitura, formação docente

INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais pautado pela leitura, saber ler é imprescindível e necessário; diríamos, inclusive, que é um fator essencial à comunicação. Em tempos de internet, no entanto, ainda que a leitura esteja totalmente diluída e permeando nossos dias, vemos, com certa tristeza, que há aqueles que não possuem esta habilidade desenvolvida, o que traz inúmeros problemas, de diferentes ordens para suas vidas.

Fazendo parte da Educação brasileira há mais de duas décadas, pudemos, neste tempo, ver como a Leitura é tratada por alguns educadores. É urgente aprender mais sobre leitura para que possamos ensinar a leitura.

O objetivo deste artigo é trazer aspectos sobre a leitura com o intuito de elucidar àqueles que trabalham com crianças, jovens, adolescentes, estudantes de forma geral e ajudá-los a preparar leitores proficientes, preparados para atuar de forma consciente e transformadora no

¹ Doutora em Língua Portuguesa pela PUC SP. Coordenadora dos cursos de Letras e Pedagogia da Universidade Brasil. Coordenadora Institucional do PIBID/UB. CAPES. silvia.costa@ub.edu.br

mundo, suplantando aplicativos de inteligência virtual e compreendendo que nós, seres humanos, somos muito superiores à inteligência artificial, basta acessar nosso conhecimento.

Utilizaremos como arcabouço teórico, principalmente, as obras de Albert Manguel, Kock e Elias.

METODOLOGIA

A metodologia deste artigo seguiu a linha de pesquisa e análise com base na observação. A pesquisa bibliográfica ocorreu durante alguns anos, principalmente no desenvolvimento da escrita de tese de doutoramento, mas teve seu aprofundamento com a análise e aplicação aos professores em sua formação e práticas docentes

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concepções de leitura

As concepções de leitura são variáveis. Cada grupo social concebe a leitura à sua maneira. Ainda que de forma não tão consciente, todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. A leitura não ocorre apenas com as letras, podemos afirmar, com Manguel (1997), que ler vem antes de escrever. Uma sociedade pode existir sem escrever, mas nenhuma sociedade pode existir sem ler. Desse modo, lemos para compreender ou para começar a compreender.

Ler as letras de uma página é apenas uma das muitas variantes que a leitura oferece de si mesma para os seres humanos. Em sentido *lato*, pode um astrônomo ler um mapa de estrelas que não existem mais; o zoólogo percebe os rastros de animais na floresta; o jogador perscruta gestos dos parceiros antes de jogar uma carta, a dançarina assimila as anotações do coreógrafo e só depois realiza sua *performance*, o público admira e interpreta os movimentos da dançarina no palco; o tecelão examina o desenho intrincado de um tapete sendo tecido, o organista executa várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais entendem pelo rosto do bebê, os sinais de alegria, medo ou admiração; o adivinho chinês estuda as marcas antigas na carapaça de uma tartaruga; o amante esquadrinha cegamente o corpo amado à noite, sob os lençóis, o psiquiatra ajuda os pacientes a decifrar seus sonhos perturbadores: o pescador havaiano investiga as correntes e o oceano, ao mergulhar a mão na água, o agricultor examina o tempo

no céu. Todos eles compartilham com os leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos (Manguel,1997).

Ler, portanto, não pode ser reduzido apenas à leitura de palavras e à sua interpretação. Sabemos, hoje, que, embora não haja grau zero em leitura, tampouco existe um grau dez. A leitura, misteriosa, deixa-se desvendar aos poucos, não se restringe a um significado único, mas, sim, em um “mostra-esconde” de significados que se revelam ou não em função de inúmeros fatores ligados aos propósitos de leitura e às habilidades do leitor.

Ler, dentre todas as acepções citadas acima, é também um processo de construção de sentidos que se desencadeia a partir dos elementos linguísticos presentes na superfície textual e que exige a mobilização dos diferentes conhecimentos numa dada situação comunicativa. Esses conhecimentos, pois, ultrapassam o domínio do código linguístico e envolvem experiências, estratégias, objetivos de leitura, conhecimentos gerais, específicos, situação de comunicação e conhecimentos enciclopédicos.

Neste sentido, é possível afirmar que a leitura é um processo que lida com diferentes aspectos e que o sentido do texto se constrói na interação entre autor-texto-leitor, na medida em que o leitor usa estratégias diversas, articula, seleciona e elimina as possibilidades que são oferecidas pelo autor, por meio de pistas textuais, além dos conhecimentos que possui.

O ato de ler, pois, num primeiro gesto, implica olhar um ser no mundo e buscar nele significados. Desde os tempos mais antigos de que temos registros pictóricos e escritos, as sociedades, com ou sem escrita precisaram “decifrar” o mundo.

Para ler, em qualquer que seja a esfera ou situação - palavras numa página, expressões no rosto de uma pessoa ou até a maré, para que se possa realizar uma boa pesca, faz-se necessário o uso de sentidos físicos, visão, tato, interligados aos cognitivos, que levam à interpretação. Para avançarmos nossos estudos, necessário se faz o entendimento dos aspectos físicos do ato de ler, para posterior entendimento dos aspectos cognitivos de tal ato.

Aspectos físicos do ato de ler

Observar e “decifrar” o mundo são movimentos de leitura que implicam um ato físico e simultaneamente, mental. Manguel (1997) afirma que, de acordo com o erudito francês Roger Bacon, quando olhamos para um objeto, forma-se uma pirâmide visual que tem sua base no objeto e seu ápice no centro da curvatura da córnea. Nós vemos quando a pirâmide entra em nosso olho e seus raios são dispostos sobre a superfície do globo ocular, refratados de tal forma

que não se cruzam. Ver, para Bacon, era o processo ativo pelo qual uma imagem do objeto entrava no olho e era então apreendida pelos “poderes visuais” dele.

Manguel (1997:46) ainda sobre a leitura, afirma:

Galeno propôs que um espírito visual, nascido no cérebro, cruzava os olhos através do nervo ótico e saía para o ar. O próprio ar tornava-se então capaz de percepção, aprendendo as qualidades dos objetos percebidos. Através dos olhos, essas qualidades eram retransmitidas de volta ao cérebro e desciam pela medula aos nervos do sentido e do movimento. Para Aristóteles, o observador era uma entidade passiva que recebia pelo ar a coisa observada, sendo esta em seguida comunicada ao coração, sede de todas as sensações inclusive a visão. Para Galeno, o observador, tornando o ar sensível, desempenhava um papel ativo, e a raiz de onde nascia a visão estava no fundo do cérebro.

De acordo com Manguel (1997), os estudos referentes à neurolinguística, a relação entre cérebro e linguagem, começaram em 1865. Naquele ano, dois franceses, Michel Dax e Paul Broca sugeriram estudos simultâneos, mas separados que a grande maioria da humanidade, em consequência de um processo genético que começa na concepção, nasce com um hemisfério cerebral esquerdo que se torna a parte dominante do cérebro para codificar e decodificar a linguagem; uma proporção muito menor, em sua maioria, canhotos ou ambidestros, desenvolve essa função do lado direito. Assim, nascemos com a capacidade de compreender a linguagem e de falar, mas essa aptidão inata precisa ser “acionada” pela exposição direta. As implicações da descoberta acerca da leitura foram evidentes. Com efeito, isso significava que antes mesmo de os escribas sumérios terem desenvolvido o foneticismo sistêmico, suas conexões neurológicas, no cérebro, estavam predispostas a compreender e utilizar essa capacidade até então desconhecida. O mesmo, é claro, é válido para os povos pré-alfabetizados em toda a parte. Qualquer sociedade, portanto, é potencialmente capaz de ler, mesmo antes de saber o que vem a ser leitura. Da mesma forma como toda criança nasce com o potencial de ler, mesmo antes de ter a primeira experiência.

Há um século, o oftalmologista francês Émile Javal descobriu que nossos olhos na verdade saltam pela página; esses saltos ou sofreamentos acontecem três ou quatro vezes por segundo, numa velocidade de cerca de duzentos graus por segundo. A velocidade do olho pela página – mas não o movimento em si – interfere na percepção, e é somente durante a breve pausa entre os movimentos que nós realmente lemos. Porque nossa sensação de leitura está relacionada com a continuidade do texto sobre a página ou com o desenrolar do texto na tela, para assimilar frases ou pensamentos inteiros, e não com o movimento real dos olhos (Cf. Manguel, 1997).

A leitura, para Leffa (1996), em sua forma mecânica, ocorre por meio de fixações dos olhos em determinados segmentos do texto, que podem ser uma palavra ou um pequeno grupo de palavras. O leitor, aparentemente, não processa as letras que compõem um determinado segmento de modo linear, da esquerda para a direita, mas de modo simultâneo. Assim como as letras também não são processadas integralmente, em todos os seus detalhes, mas apenas em seus traços distintivos.

O movimento dos olhos durante a leitura acontece por meio de uma sequência de pausas e saltos. Os olhos não deslizam em movimento uniforme sobre o texto, mas avançam pulando de um ponto a outro. É durante as pausas, pela fixação dos olhos sobre o texto, que se dá o processamento visual dos caracteres impressos.

Assim, ainda de acordo com Leffa (1996), as estatísticas da literatura sobre os movimentos dos olhos têm revelado os seguintes dados, em termos de médias: o número de fixações por minuto é de 240; a distância de fixação de um ponto a outro é de 25 mm; o leitor adulto lê uma média de 250 palavras por minuto; a duração de cada fixação corresponde a 250 milissegundos; os olhos não saltam apenas para frente, mas fazem também inúmeras regressões.

Tais movimentos podem variar não apenas de pessoa para pessoa, mas sofrem mudanças significativas de acordo com o conteúdo lido; o teor semântico pode ou não cooperar para uma compreensão mais rápida. Sobre isso, Leffa (1996:68) afirma:

Mais importante do que as médias, no entanto são as variações que ocorrem não apenas inter-sujeitos, mas também intra-sujeitos. Assim, dentro da variação inter-sujeito, sabemos que leitores adultos lêem geralmente de 150 a 400 palavras por minuto, descontando as exceções que ficam abaixo e acima desses números. Na variação intra-sujeito, temos a duração da fixação que varia de acordo com a dificuldade semântica do texto. Enquanto que nos segmentos semânticos mais fáceis, a fixação dura cerca de 150 milissegundos, nos segmentos mais difíceis a duração aumenta para 375.

O número de fixações regressivas mede não apenas a qualidade da leitura, mas também características do texto e, por inferência, os processos mentais da compreensão. Bons e maus leitores fazem regressões, mas quanto maior a dificuldade do texto, maior o número de regressões.

O *Eye Tracking*, em concordância com os estudos de Klein e Bulla (2010), é o paradigma que estuda os movimentos oculares durante a leitura e representa uma das mais avançadas e aperfeiçoadas técnicas na avaliação do processamento da linguagem, pois observa o desempenho da “mais transparente janela do cérebro para o mundo: os olhos.”

Os olhos nunca estão parados, sempre se movimentam em uma direção. Esses deslocamentos podem ser rápidos, lentos, curtos, compridos, dar saltos, podendo ainda ocorrer em dois sentidos, para a direita ou para a esquerda. Todos esses movimentos são utilizados para inferir como determinada informação é processada.

Os movimentos oculares, de acordo com Macedo *et al* (2008 *apud* Klein e Bulla), limitam-se a três tipos: as *fixações*, breve período em que o olho permanece observando uma pequena área do estímulo; as *sacadas*, pulos de uma fixação até uma próxima fixação que o olho faz; e as *regressões*, também denominadas de sacadas regressivas, movimentos realizados no sentido oposto da leitura.

Ainda sobre a aquisição do ato de ler, Manguel (1997:54) descreve:

Para compreender um texto, escreveu o Dr. Merlin C. Wittrock na década de 1980, “nós não apenas o lemos, no sentido estrito da palavra: nós construímos um significado para ele”. Nesse processo complexo, “os leitores cuidam do texto. Criam imagens e transformações verbais para representar seu significado. E o que é mais importante, eles geram significado à medida que lêem, construindo relações entre seu conhecimento, sua memória da experiência, e as frases, parágrafos e trechos escritos”. Ler, então não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal.

Aspectos sociocognitivos do ato de ler

A capacidade de compreensão da leitura está relacionada com a complexidade da estrutura cognitiva do indivíduo. Assim, na atividade de leitura e produção de sentido, colocamos em ação várias estratégias sociocognitivas por meio das quais se realizam o processamento textual e mobilizam vários tipos de conhecimentos que temos armazenados na memória. Apoiamo-nos em Kock e Elias (2006:39), para afirmar que o processamento textual é estratégico, os leitores, diante de um texto, “realizam simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos.”

Para o processamento textual, de acordo com Kock (2002), há três grandes sistemas de conhecimento: conhecimento linguístico, conhecimento enciclopédico e conhecimento interacional.

O conhecimento linguístico, para Kock e Elias (2006), abarca o gramatical e o lexical. Com base nesse tipo de conhecimento, podemos compreender a organização do material linguístico na superfície textual, a seleção lexical adequada ao tema.

O conhecimento enciclopédico ou de mundo, refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo, assim como conhecimentos referentes a vivências pessoais e eventos marcantes, permitindo a produção de sentido.

O conhecimento interacional, relatam as pesquisadoras, é aquele que ocorre por meio da linguagem e engloba: conhecimentos ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural. A saber, ilocucional é o que nos permite reconhecer os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto em uma dada situação de interação. Conhecimento comunicacional diz respeito à quantidade de informação necessária numa situação comunicativa concreta para que o interlocutor seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto, assim com a seleção da variante linguística adequada a situação de interação e ao gênero adequado à situação comunicativa.

O conhecimento metacomunicativo é aquele que assegura ao locutor a compreensão do texto para conseguir a aceitação pelo parceiro dos objetivos com que é produzido. O conhecimento superestrutural, consoante Kock e Elias (2006: 54), ou sobre gêneros textuais, “permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social. Envolve conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que distinguem vários tipos de textos”.

Podemos afirmar, portanto, que ler não é apenas apreender as palavras. Ao começar a decodificar um texto, o que o leitor faz, ainda que de forma inconsciente, é recorrer às estratégias sociocognitivas para dar sentido ao texto.

A leitura, no sentido da compreensão da palavra, de textos escritos, é uma atividade cognitiva multifacetada, já que envolve diferentes elementos e aspectos, porém ocorre apenas e tão somente se houver uma superfície para a realização física desta atividade.

A leitura em outras superfícies: da tela do cinema à tela do computador

Depois de transcender a Igreja, a leitura passou a incorporar outros locais, como rótulos de produtos, letreiros nas lojas, totens de propagandas. Outrossim, a leitura começa a acompanhar outras plataformas, que não eram habituais para a população, como o cinema, que passa a veicular a escrita com o intuito de auxiliar o entendimento do enredo. Na primeira parte do século, o cinema mudo contava histórias com legendas intervaladas que precisavam ser lidas para que se entendesse a trama.

A leitura dessas legendas, somada à leitura dos jornais, constituíram a leitura de centenas de milhões de pessoas em todo o mundo. Ler, constituía parte importante da integração social. Ao

contrário dos filmes mudos, essa atividade baseada por completo na leitura, ainda com implicações inimagináveis para o futuro, requer um envolvimento ativo, direto e integral com a palavra escrita.

Com a chegada do computador de uso pessoal, na década de 1970, a leitura sofreu nova transformação. Na realidade, em muitos casos, a palavra escrita e lida chegou a substituir a palavra falada: em vez de visitar, encontrar ou telefonar para alguém, muitos preferiram usar o correio eletrônico, as salas de bate-papo e os aplicativos de mensagens instantâneas.

A internet surgiu e mudou o comportamento das pessoas. Em sua primeira fase, a internet implementou a solidão: as pessoas passaram a trabalhar em casa e a comunicar-se virtualmente. Atualmente há uma preocupação em transformar a solidão em ocasiões sociais. Assim, outros modelos de comunicação e formação de comunidades virtuais têm sido possíveis. Mas parece imprescindível compreender a linguagem em funcionamento em tais contextos interativos.

Em consonância com o que ocorreu ao cinema e a tantas outras mídias e tecnologias, a internet tem, nos últimos anos, inaugurado novos modos de gerir a informação, de produzir conhecimentos, de estabelecer relações socioculturais. Certamente nem tudo é totalmente inovador. Não há, na história, nada que se faça sem recorrer ao que já foi vivido, visto, experimentado, usado produtivamente. No entanto, o impacto da internet nos diferentes segmentos de nossa sociedade traz consigo uma aura de novidade, modernidade.

consideração a referencia a autores e teorias, bem como referenciando os resultados encontrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A A partir de nossos estudos, pudemos ver que como os movimentos físicos do ato de leitura interferem na compreensão e na assimilação dos conteúdos lidos, logo, quanto mais se lê, mais fluência se tem na leitura, portanto aquele que possui o hábito de ler e assimilar com efetividade o conteúdo lido, lê mais rápido e consegue acumular um maior número de informações.

No entanto, de acordo com os estudos de Kock e Elias, não apenas o ato físico de ler interfere no ato de leitura, mas também os conhecimentos linguísticos, enciclopédico e interacional. Vemos, por meio de nossos estudos que todos estes estão interligados, assim, quanto mais conhecimento linguístico o indivíduo adquire, mais ele tem a possibilidade de adquirir o enciclopédico e o interacional.

Em um mundo cada vez mais conectado, em que a escrita multimodal está presente em grande parte das interações humanas, saber ler e interpretar, não apenas palavras, mas símbolos e expressões, é motivo de destaque na humanidade. Ainda que na comunicação por meio de texto, muitas vezes faltem elementos que, apenas na interação face a face aparecem, como a entonação do discurso: gestos com as mãos, postura do corpo, orientação, o olhar e expressão facial do locutor. Esses elementos tentam ser reproduzidos de alguma forma na CMC. Se o interlocutor quer “gritar” por escrito, usa caixa alta, se quer enfatizar dada palavra ou sílaba, repete uma vogal ou a consoante final.

Os efeitos indesejáveis da própria ambiguidade (e possibilidades de mal-entendidos) na linguagem escrita são inegáveis, potencializados pela agilidade daquele que escreve de um lado, e daquele que lê, de outro.

Ao pensarmos na questão da docência e na relação com a leitura, vemos que o educador que não possui proficiência em leitura, terá dificuldades para construir seu fazer docente, pois dependerá de outros para receber informações e, conseqüentemente, transmitirá isso a seus alunos, que podem também ter problemas com a competência leitora.

Não se desaprende a ler. Depois que o indivíduo inicia o processo de leitura, não se pode brecá-lo, fazê-lo regredir. Desta forma, pode-se ler qualquer coisa, em qualquer lugar, de qualquer tema, de qualquer área. A leitura tem o poder de transformar o indivíduo e nós, educadores, temos o dever de mostrar isso a eles.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES pelo incentivo e fomento à pesquisa, à Universidade Brasil, por proporcionar debates produtivos frente aos novos desafios constantes na Educação Brasileira e por acreditarem que um futuro melhor se faz com investimentos na Educação.

REFERÊNCIAS

- KOCH, I. G. V. O texto e a construção de sentidos. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
_____. A coesão textual. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2012[1989].
_____. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
_____; & ELIAS, V. M. S. Ler e compreender: os sentidos do texto. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
_____; & ELIAS, V. M. S. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.
LEFFA, V. J. Uma perspectiva psicolinguística. Sagra – Porto Alegre:D.C. Luzzato, 1996.
MANGUEL, A. Uma história da leitura. Tradução Pedro Maia Soares. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANGUEL, A. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Tradução Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

MANUEL, A. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. Hipertexto e gêneros digitais. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.